

Jerónimo Fernando nasceu em Lisboa em data incerta¹. De igual modo, a ascendência tradicionalmente atribuída a Jerónimo – enquanto filho de Cristóvão Dias de Figueiroa e de Maria de Basto – é contestada², ainda que a ligação ao monarca D. Duarte esteja presente no epitáfio apostado ao túmulo do prelado³.

Henrique Henriques de Noronha assevera que Jerónimo ingressou e abandonou a Companhia de Jesus, foi ordenado presbítero e exerceu funções numa abadia, antes de ser nomeado antístite⁴. Por sua vez, o processo consistorial somente regista que, segundo testemunhas, Jerónimo era bacharel em Cânones, que alcançara a ordem presbiteral e que fora abade em Alfândega da Fé, onde residia desde que obtivera o benefício⁵.

A 9 de agosto de 1617, D. Filipe III escrevia a D. Diogo da Silva, vice-rei de Portugal, atestando que o bispado do Funchal estava vago e que esperava que o vice-rei propusesse um clérigo para ocupar a função⁶. Não é plausível a narrativa de Noronha, que afirma que Jerónimo foi até Madrid requerer a mitra em nome próprio⁷. Desconhece-se a resposta de D. Diogo da Silva, ou sequer se Jerónimo estaria nas hipóteses por este apresentadas, sendo certo que a 30 de julho de 1618 já Jerónimo Fernando fazia o seu juramento e profissão de fé, conforme era usual antes da nomeação formal que o rei fazia⁸. Dois meses passados, D. Filipe III, por carta de 24 de setembro de 1618, nomeou-o prelado do Funchal⁹.

¹ A informação da sua naturalidade consta do processo consistorial existente no Archivio Apostolico Vaticano, Archivio Concistoriale, Processus Concistoriales, vol. 3, fl. 632. Já a data de nascimento é inconclusiva, sem que haja dados concretos sobre a mesma. Presume-se que o ano mais correto será o de 1567, mas as referências existentes consentem situá-la desde 1557 a 1575, como se poderá consultar em Bruno Abreu Costa, "O Apóstolo Bravo? As Relações de Poder entre D. Jerónimo Fernando e a Câmara Municipal do Funchal (1619-1643)", in *Arquivo Histórico da Madeira*, Nova Série, 2 (2020), p. 214.

² Estes nomes do pai e da mãe do prelado são fornecidos, por exemplo, em Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa), códice 49, Catálogo dos bispos do Funchal, fl. 186v.

³ Veja-se a contestação desta ascendência em Antonio Caetano de Sousa, "Catalogo dos Bispos da Igreja do Funchal", in *Collecção dos Documentos, Estatutos e Memórias da Academia Real da Historia Portugueza*, Lisboa Occidental: Officina de Pascoal da Sylva, 1721, páginas não numeradas e em A. Meyrelles do Souto, "Dois Brasões Anómalos", in *Olisipo*, vol. 34, n.º 133 (1971), p. 94. A referida placa tumular contém a seguinte inscrição: "Túmulo de Dom Jeronimo Fernando Bispo do Funchal mais de 30 annos coarto netto del Rei Dom Duarte de Portugal pelo serenissimo Infante Dom Fernando seu filho faleseo a dous de maio de seissentos e sincoenta annos". Pouco se sabe sobre a execução do túmulo, permanecendo dúvidas quanto à filiação do prelado.

⁴ Henrique Henriques de Noronha, *Memórias Seculares e Eclesiásticas para a Composição da História da Diocese do Funchal na Ilha da Madeira*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura e Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, p. 111.

⁵ Archivio Apostolico Vaticano, Archivio Concistoriale, Processus Consistoriales, vol. 3, fls. 630-630v.

⁶ Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa), Códices e Documentos de Proveniência Desconhecida, n.º 50, fl. 18.

⁷ Henrique Henriques de Noronha, *Memórias Seculares e Eclesiásticas...*, cit., p. 111.

⁸ Archivio Apostolico Vaticano, Archivio Concistoriale, Processus Consistoriales, vol. 3, fls. 643-644.

⁹ A carta régia encontra-se em Archivio Apostolico Vaticano, Archivio Concistoriale, Processus Consistoriales, vol. 3, fl. 626.

A nomeação régia foi aprovada em consistório a 12 de fevereiro de 1619¹⁰. O novo bispo foi sagrado, segundo Noronha, em maio de 1619, e esteve presente nas Cortes, a jurar fidelidade ao monarca e ao herdeiro, já na qualidade de bispo do Funchal¹¹, tendo a partida para o Funchal decorrido somente em 1620 ou em 1621. Antes disso, em 26 de setembro de 1621, como desde há décadas era habitual com todos os bispos que embarcavam para o império, o rei concedeu-lhe o privilégio de poder nomear os sujeitos que ocupariam os benefícios infra-episcopais na diocese¹².

No arquipélago exerceu a sua função episcopal, conjuntamente com a de governador e capitão-geral (por três vezes: 1624-25, 1626-28; 1630-34), a de provedor da Misericórdia funchalense e de superintendente do comércio e contrabando¹³. São conhecidas as suas discórdias agrestes com a Câmara Municipal do Funchal, mas também momentos de parceria¹⁴. Sabe-se que celebrou quatro sínodos e que era assíduo nas suas visitas pastorais, visitando pessoalmente as paróquias da diocese em 1621-1622, após a chegada ao arquipélago, e com alguma regularidade posteriormente, como aconteceu na Tabua (1621, 1634, 1639, 1643) e em S. Pedro (1630, 1632-1640, 1643)¹⁵.

Após a denominada *Restauração*, entre agosto e setembro de 1643, Jerónimo embarcou para Lisboa¹⁶. Apesar de alguns estudiosos proclamarem que o antístite o fizera «desgostoso por ser considerado partidário do rei Filipe», algo que o ato de aclamação de D. João IV, no Funchal, facilmente contradiz, a verdade é que D. Jerónimo Fernando seria já idoso, padecia de gota e a sua família residia na capital¹⁷. Desde 1639 que o bispo refere estar doente, ao afirmar que não podia visitar pessoalmente a paróquia de S. Pedro “por estarmos impedidos de gota”¹⁸. A carta dirigida ao cabido afirma o mesmo, ao reconhecer “o amor com que rogão a Deos por mim e minha saúde e tem sentido o achaque da gota e outros que teve que me durarão perto de três mezes de que agora fico com muita melhoria graças a

¹⁰ Archivio Apostolico Vaticano, Archivio Concistoriale, Acta Camerarii, vol. 15, fl. 117.

¹¹ Henrique Henriques de Noronha, *Memórias Seculares e Eclesiásticas...*, cit., p. 111 e *Auto do Juramento que el Rey Dom Phelippe Nosso Senhor, segundo deste nome, fez aos tres Estados deste Reyno, & do que elles dizerão a sua Magestade, do reconhecimento, & aceitação do Principe Dom Phelippe nosso Senhor, seu filho, Primogenito. Em Lisboa a 4 dias do mês de Julho de 1619. E assi o acto das Cortes que a 18 dias do mesmo mês se celebrou nella*, Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1619, fl. 9v.

¹² Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa), Mesa da Consciência e Ordens, Chancelaria da Ordem de Cristo, Chancelaria Antiga, livro 14, fl. 206.

¹³ Henrique Henriques de Noronha, *Memórias Seculares e Eclesiásticas...*, cit., p. 112.

¹⁴ Bruno Abreu Costa "O Apóstolo Bravo? [...]", cit.

¹⁵ Arquivo Histórico da Diocese do Funchal, Tabua, caixa 2, livro 9, fls. não numerados e Arquivo e Biblioteca da Madeira, Arquivo do Paço Episcopal do Funchal, n.º 465, fls. 1-23.

¹⁶ Henrique Henriques de Noronha, *Memórias Seculares e Eclesiásticas...*, cit., p. 113 e Bruno Abreu Costa "O Apóstolo Bravo? [...]", cit., pp. 217-218.

¹⁷ Como se argumenta em Bruno Abreu Costa "O Apóstolo Bravo? [...]", cit., pp. 217-218.

¹⁸ Arquivo e Biblioteca da Madeira, Arquivo do Paço Episcopal do Funchal, n.º 465, fl. 16v.

Deos”¹⁹. Além disso, em carta de 22 de dezembro de 1643 refere-se que, chegado a Lisboa, o bispo conferenciou logo com um sobrinho a compra de bens de raiz para os filhos de Ana de Melo Fernando, muito provavelmente seus familiares, atestando a existência de familiares do prelado residindo em Lisboa²⁰. Sabe-se que, em 1646, vivia perto do Convento de Clarissas de Santa Marta, em Lisboa, e que continuava a auferir os rendimentos do bispado, o que indica que não renunciou²¹.

Jerónimo Fernando faleceu a 2 de maio de 1650, sendo sepultado na antessacristia da igreja do Convento da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho, em Lisboa²².

Bruno Abreu Costa

¹⁹ Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa), Cabido da Sé do Funchal, maço 9, doc. 10.

²⁰ Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa), Cabido da Sé do Funchal, maço 9, doc. 10 e *Index das notas de varios tabeliães de Lisboa entre os anos de 1580 e 1747*, Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1931, p. 42.

²¹ *Index das notas de varios tabeliães de Lisboa entre os anos de 1580 e 1747*, Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1931, p. 42 e Alberto Vieira (ed.), *O Público e o Privado na História da Madeira*, vol. I – Correspondência particular do Mercador Diogo Fernandes Branco (1649-1652), Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura e Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, pp. 78, 89 e 95.

²² Henrique Henriques de Noronha, *Memórias Seculares e Eclesiásticas...*, cit., p. 113.